

FACULDADE DE FILOSOFIA



Doutrinas Políticas de Samuel Usque

POR

F. E. DE TEJADA, S. J.

SEPARATA DA

REVISTA PORTUGUESA DE FILOSOFIA

TOMO V — FASC. 3

BRAGA — 1949

C Seixas



Doutrinas Políticas de Samuel Usque

AINDA antes de principiar a grande diáspora, que segue à segunda destruição do Templo por Tito, no ano 71 na nossa era, vieram os hebreus à Espanha e deixaram gravado o seu cunho em memórias dispersas por todos os recantos do solo peninsular. Terra fertilíssima, segundo elogio unânime dos antigos, foi para eles a Palestina do Ocidente, a nova pátria semelhante à terra prometida em substituição daquelas outras praias do Mar Mediterrâneo, aonde séculos antes os guiara a mão de Moisés. Ou, para usar as palavras de um sefardi holandês do nosso tempo, «encontraram na formosa Espanha, cujo clima se assemelhava com o da pátria amada, tranquilidade e consolação para as suas tribulações» ⁽¹⁾. Pelo que surgiu em Sefarad, a terra remota, apenas conhecida antes pelas quilhas das naus de Salomão, e obscura mesmo na visão talmúdica ⁽²⁾, um viveiro de sábios de Israel, como os não pode apresentar nenhuma outra região do globo. Os Maimónides, os Ben-Ezra, os Gebirol, os Albo e os Paqudas são epítome de doutrina e fonte constante a apagar para sempre a sede dos filhos de Abraão, patrimônio supremo da raça.

Ao volver de 1500, Fernando e Isabel em Castela e Aragão, D. Manuel o Venturoso em Portugal, expulsam-nos da Península, cortando em flor as mais prósperas comunidades, com um golpe

(1) «Zij vonden in het schoone Spanje, dat in zijn klimaat zooveel overeenkomst met hun geliefd vaderland vertoonde, rust en versachting van hun lijden».

J. S. DA SILVA ROSA: *Geschiedenis der Portugeesche Joden te Amsterdam, 1503-1925*. Amsterdam, Menno Hetzeberger, 1925, página IX.

(2) No Talmud babilónico, *Berakoth*, IX. RABÍ JEHUDA alude à Espanha como terra extrema longinqua.

Der babilonische Talmud, neu übertragen durch Lazarus Goldschmid, Berlin, Jüdischer Verlag., I (1930), 281.



irreparável para a cultura hebreia, de que mal se refez ainda. Porque a partir de então o labor intelectual dos homens israelitas perde o seu carácter isolado, convertendo-se em esforços fundidos com a comunidade gentia em que radicam.

O último clarão de sabedoria especificamente hebreia dá-se em Espanha e Portugal. A partir desta nova e trágica diáspora sefardi, a filosofia peculiar a Israel termina no seu brilho magnífico do medievo, despedaçando-se em fragmentos humanos de carácter racionalista à Espinosa ou indiferente em tantos outros nomes. Por isso as histórias da filosofia judaica terminam praticamente nessa época nefasta para o judaísmo, sem que os nomes de um Moisés Mendelssohn ou um Salomão Ludwig Steinheim, de um Samuel Hirsch ou de um Salomão Formstecher, de um Moritz Lazarus ou de um Hermann Cohen, ainda que tão respeitáveis e de tanto valor, contribuam para integrar uma plêiade de tanta nomeada como a de Sefarad dos tempos medievais.

É verdade que a dupla expulsão de 1492 e 1506, depois das quais « não ficou em nenhum dos reinos de Espanha homem que se pudesse qualificar de israelita » ⁽³⁾, não implica a morte fulminante do ramo sefardi. Durante três séculos subsiste uma chama, que ainda se não extinguiu, alumando os recantos das sinagogas de Salonica e Amsterdão, cuidando com amor os ecos da nova pátria do Ocidente, segunda terra da promessa perdida. Ramo notável em nomes e produções literárias, arraigado, porém, num solo cada vez mais açoitado pela seca aridez dos contornos, que mantém o cultivo das línguas castelhana e portuguesa como idiomas privativos que servem de nota diferenciadora. Ramo que no contacto com o solo peninsular tomou os gostos das nossas gentes, o sentido da honra, a altivez duma superioridade que eleva sempre um sefardi sobre um confrade oriental, e até um apego às manias nobiliárias a que tão afeiçoados foram os nossos antepassados. Os escudos dos Suassos, dos Pintos, dos Castros, dos Francos, dos Teixeiras e dos Pimenteis, gravados nas ruas tortuosas da remota Amsterdão foram um pedaço de pedra hispânica nas brumas neerlandesas, um cântico ao estilo permanentemente

(3) A frase é de JOSEPH HA-COHEN: עמק הבכא *La vallée des pleurs. Chronique des souffrances d'Israël depuis sa dispersion jusqu'à nos jours. 1575.* Publié pour la première fois en français avec notes et textes historiques par Julien Sée. Paris, chez le traducteur, 1891, pag. 107.

barroco do prazer das grandezas que sempre caracterizou os povos de Portugal e Castela, e embora não conquistados para a ambição imperial e religiosa das Espanhas, ganharam certamente a maneira de ser desses povos de fidalgos vangloriosos e magníficos. Ainda longe de Espanha, o seu estilo vital, a sua língua cotidiana, as suas preferências mais queridas, toda a sua cultura, leva pelos séculos o selo hispânico.

Está ainda por fazer a história espiritual dessas comunidades dispersas, pelo menos no que respeita aos nossos estudos de filosofia da história, do direito e da política. Continuaram aferradas integralmente aos módulos culturais típicos do judaísmo? Teve qualquer repercussão, muita ou nenhuma, a nova expulsão que com dois golpes aniquilava o fulgor mais radiante da raça eleita para uns, deicida para outros? Como reagiram ante as novas calamidades? Permaneceu sem alterações nem mudanças o sentido ancestral da vida e da história? Terão cortado o fio ininterrupto das tradições mosaicas as novas levas de fugitivos, durante os séculos XVI e XVII, temerosos do fogo inquisitorial e das perseguições do Santo Ofício, aquela corrente contínua de «marra-nos» que vêem em Amsterdão a nova pátria sefardi, um como pedaço da terra hispânica: os Franciscos Franco, os Gabrieis da Costa, os Baltasares Oróbio? É idêntica a catalogação dos conceitos políticos do povo eleito, da unidade cultural, da continuidade racial, da primazia da lei, da estrutura estatal e social das sinagogas, da tendência pacifista do rabinato, da consideração de Javé como único criador dos episódios históricos, da entrega absoluta e passiva do povo de Israel nas mãos de Deus resplandescente e omnicriador do Sinai?

Nas circunstâncias actuais, com a pobreza das bibliotecas espanholas sobre a matéria, é-nos absolutamente impossível esboçar hoje resposta competente. Com dificuldade conseguimos vistoriar metade dos livros apontados no catálogo de Meyer Kayserling ⁽⁴⁾ e é quase absoluta a carência de modernas fontes de consulta. O centro mais rico em Madrid é a Biblioteca Nacional para livros antigos. Quanto à do Instituto Arias Montano, apesar dos esforços infatigáveis do Professor Cantera, é demasiado recente para oferecer adequado material de trabalho, no que se refere aos autores dessa época.

(4) M. KAYSERLING: *Biblioteca española-portuguesa-judaica*. Strasbourg, 1890.

Julgo, porém, chegada a hora de ir iniciando as aportações pessoais a este capítulo da história do pensamento peninsular. Aportações essas que deverão ser consideradas como fragmentos dispersos, que talvez um dia, sendo-nos possível transpor as fronteiras com cuidados de investigador, nos seja fácil concluir. Incapacitado agora para uma tarefa sistemática, pretendemos elaborar sistemáticas parciais, prelúdio duma construção final. Uma delas é o presente estudo acerca de Samuel Usque.

Quando se recapitula o pensamento político de Israel tem de se dar razão a Beónio-Brocchieri, quando o referia à consecução delimitada da ideia de povo em contraste com a ideia de Estado e dela separada. ⁽⁵⁾ Porque, sem dúvida, o peculiar do povo hebraico no decorrer da história, sem outra excepção que a transitória etapa monárquica de Saúl e da Casa de David, é ter permanecido como comunidade apartada das outras nações sem um poder político próprio, antes disperso e pulverizado por todas as nações do globo, promessa de Javé a Abraão, castigo divino ou cumprimento de uma profecia de Jesus. Apesar dos trabalhos mais árduos e da tenacidade secular, posta nesse intento, fracassaram até hoje todas as tentativas para constituir uma comunidade política separada e autónoma exclusivamente composta por israelitas, Estado Judeu, como hoje diríamos. Examinada com olhos de historiador de ideias políticas, a trajectória da gente de Jacob, é evidente, salvo o parêntesis antes apontado, que nos encontramos constantemente em presença de uma comunidade com traços diferenciadores, de um povo que jamais conseguiu realizar o sonho doirado da personificação política.

O modo por que teve lugar esse facto matiza o estilo característico de Israel: foi uma comunidade nunca sujeita ao poder político, sempre perdida noutras unidades políticas territoriais

(5) V. BEÓNIO-BROCCIERI: *Trattato di storia delle dottrine politiche. Volume secondo. L'idea di «popolo» nella coscienza politica d'Israele*, Milano, Ulrico Hoepli, 1938.

O que não quer dizer que não devemos sublinhar desde já a nossa radical discordância com o conteúdo temático do livro, com as limitadas e retorcidas fontes que manuseia e com muitas das suas observações tão agudas quanto inexactas.

Além de que a palavra «Estado» não seria a mais conveniente. A nosso juízo a contraposição *Povo-Estado* de BEÓNIO-BROCCIERI deveria substituir-se pela de *Povo-Poder* político ordenador.

maiores, cujos membros se mantinham unidos pelos laços de coe-rência: o religioso e o racial.

A unidade cultural é o primeiro critério, o dado por exce-lência, para qualificar o povo judaico, o qual, na acepção rabínica, é o povo de Deus, o predilecto do Senhor, o escolhido por Javé para farol patente da sua glória e para eterno depositário do seu culto. «Foi este povo — dirá Isaac Cardoso resumindo a cons-tante visão judaica — criado particularmente para louvar ao Se-nhor... Deus toma-o por sua herança, exalta-o com títulos ilus-tres de servo, de filho, de primogênito, de esposo, de querido e outras demonstrações de amor inseparável e perpétuo» ⁽⁶⁾. Uni-dade cultural que cristaliza na sujeição à «Tora», ao ensino mo-saico consignado no Antigo Testamento, devoção para com a «Tora» como raiz suprema e chave de toda a sabedoria humana, graças à sua origem divina. Essa origem é o laço que une fir-memente os fieis a Javé e a explicação histórica da solidez das comunidades judaicas, presas a essa pedra de toque para a ver-dade e para a fé. No *Talmud* abundam as passagens em que os rabinos proclamam à uma que o estudo da «Tora» é a substância da vida ⁽⁷⁾, a observação dos seus preceitos sinal da consecução do mundo futuro ⁽⁸⁾ e o critério infalível para descriminar os pro-fetas verdadeiros dos falsos ⁽⁹⁾. Os seus mandamentos estão acima de todos os mandamentos rabínicos ⁽¹⁰⁾, o seu conheci-mento dá sabedoria sem limites ⁽¹¹⁾, a sua prática é a principal obrigação de todo o judeu ⁽¹²⁾, a sua difusão o dever mais forte ⁽¹³⁾, o seu estudo a necessidade imperiosa do crente ⁽¹⁴⁾.

(6) YSHAC CARDOSO: *Las excelencias de los hebreos*. Amsterdam, David Cas-tro Tartas, 1679. — Cita as primeiras págs. sem numeração.

(7) *Megilla*, I. — In *Der babilonische Talmud* IV, 71.

(8) «Hillel sagte...: Wer Worte der Tora erworben, hat sich das Leben der zukünftigen Welt erworben». — *Aboth*, II. — In *Der Babilonische Talmud* IX, 668.

(9) «Die Rabbanan lehrten: Wenn jemand prophetisch auffordert, ein Gesetz aus der Tora zu verwerfen, so ist er schuldig; es teilweise aufrecht zu erhalten und teilweise zu verwerfen, so ist er nach R. Simon frei». — *Synhedrin*, X. — In *Der Babi-lonische Talmud*, IX, 26.

(10) Assim o afirma HILLEL em *Resahim*, X. — In *Der Babilonische Talmud*, II, 661.

(11) *Hagiga*, I. — In *Der Babilonische Talmud*, IV, 253.

(12) *Berakoth*, I, atribuído a R. Johanan em nome de R. Simou ben Iohaj. — In *Der Babilonische Talmud*, I, 28.

(13) Bem o declara R. *Johanan* em *Ros Hasana*, II, que «wer die Tora lernt und sie nicht lehrt gleicht einer Myrte in der Wüste». — *Der Babilonische Talmud*, III, 589.

(14) Junto com o do *Talmud*, aos quinze anos, ou melhor desde meninos,

Como Deus é o Autor da ordem cósmica quer no físico quer no humano, a lei mosaica que dele provém constitui a expressão da justiça instaurada e mantida pela sua mão todo-poderosa (15).

A comunidade de sangue é, na mentalidade rabínica ulterior, o segundo traço típico do hebraísmo. Os hebreus são antes de tudo e sobretudo os filhos de Jacob, divididos em doze tribos a que se pertence em razão do nascimento. De certo modo, segundo numerosos textos talmúdicos, nasce-se hebreu, nascimento que outorga superioridade sobre os outros homens. A casa do não-judeu é comparada a um estábulo infecto (16), ao passo que se profbe às parteiras judias auxiliar parturientes não-crentes ou que mulheres hebreias amamentem corpos de meninos que ao crescer não hão-de servir a Javé (17). No mesmo Antigo Testamento, o 1.º Livro dos Reis censura Salomão por se unir com mulheres pagãs, quebrando a unidade racial-religiosa própria do judaísmo (18). Racial-religiosa, repetimos. Tudo o que há no sangue está subordinado ao vínculo religioso, mas a preponderância do nó sagrado não deve fazer esquecer a importância que o judaísmo rabínico concede ao vínculo de sangue como ingrediente causador da diferenciação histórica entre o povo de Israel e o resto dos homens. Tudo o que o cristianismo tem

segundo a divisão que da vida do crente faz o rabi JEHUDA BEN-TEMA no *Aboth*, V: «Mit fünf Jahre für (das Studium der Schrift), mit zehn für (das Studium der) Misna, mit dreizehn für (die Pflicht der) Gesetzübung, mit fünfzehn für (das Studium des) Talmud, mit achtzehn für die Heirat, mit zwanzig für das Streben, mit dreissig Vollkraft, mit vierzig Einsicht, mit fünfzig Razvermögen, mit sechzig das Alter, mit siebzig das Greisenalter, mit achtzig das hohe Alten, mit neunzig gebückt, mit hundert ist man wie tot und der Welt entzogen». — *Der Babilonische Talmud*, IX, 682.

(15) Vide as palavras de R. Sila In *Berakoth*, IX. — In *Der Babilonische Talmud*, I, 259.

(16) «Der Hof eines Nichtjuden gleicht einem Viehstalle». *Erubin*, VI. — In *Der Babilonische Talmud*, II, 187.

Palavras que recordam outras de HEINRICH VON TREITSCHKE na *Politik* I (Leipzig, S. Hirzel, 1922), 274-275: «Zwischen der schwarzen und der weissen Rasse besteht dazu ein körperlicher Ekel; der Weisse kann es zwischen Negeren in einem geschlossenen Raume nicht aushalten».

(17) In *Aboda Zara*, II, lê-se: «Die Rabbanan lehrten: Eine Jsraeliten darf einer Nichtjüdin keine Geburtshilfe leisten, weil sie damit ein Kind für den Götzendienst gebären hilft... Die Rabbanan lehrten: Eine Jsraelitin darf nicht das Kind einer Nichtjüdin saugen, weil sie damit ein Kind für den Götzendienst grosszieht... so R. Meir». — *Der Babilonische Talmud*, IX, 513.

(18) *I Reis*, XI, 2.

de aberto e anti-racista, outro tanto apresenta o judaísmo de fechado e exclusivo.

A filosofia da história hebraica tem por sinal distintivo a acção exclusiva de Deus. Quanto sucede é inelutável e coopera para a maior grandeza de Javé, objecto único da existência do universo. Os acontecimentos bons ou maus, as perseguições que sofre o povo escolhido de Israel ou o predomínio dos seus inimigos, são coisas previstas e ordenadas pelo Senhor dos Exércitos para maior glória sua. Enquanto que para os cristãos as profecias se cumprem na vida e morte de Cristo, para os rabinos as profecias vão-se cumprindo nos avatares históricos do povo de Javé, de Israel. Veremos adiante que esse é um dos argumentos que utiliza Samuel Usque para reafirmar a fé de seus irmãos, durante as horas tormentosas da expulsão e mau acolhimento em terras não hispânicas. É tão extremoso o cuidado que Javé põe nos sucessos históricos, que no mesmo Talmud se lê ter sido a eleição da Palestina para terra hebreia uma providência especial de Deus para com os seus escolhidos ⁽¹⁹⁾, de tal maneira que essa operação é a central de toda a história humana e o episódio que justifica toda a obra da criação.

A esta filosofia da história, entrega passiva à acção absoluta de Deus e à exclusividade zelosa do culto divino, corresponde uma filosofia política hostil aos poderes seculares e uma preferência especial pela teocracia, melhor, por um governo pelos doutos da Lei. A primazia do factor religioso é na literatura rabínica exclusivismo: um exclusivismo que se concretiza na hostilidade ao governo dos leigos, e em primeiro termo na hostilidade para com a monarquia. Uma das passagens de que os rabinos mais lançam mão é o capítulo VII do Livro 1.º de Samuel, onde o profeta censura os hebreus por pedirem um rei, olhando tal pedido como uma ofensa ao próprio Javé ⁽²⁰⁾. Essa passagem é desenvolvida no sentido de mostrar a incompatibilidade de qualquer poder laico com o domínio exclusivo do Senhor, único Rei e Governador do povo através da lei e dos profetas.

⁽¹⁹⁾ « Die Rabbanan lehrten: Das Jisraëlland wurde zu allererst erschaffen und nachher erst die ganze Welt... Das Jisraëlland wird vom Heiligen, gepriesen sei er, selbst bewässert, die ganze Welt aber durch einen Vertreter ». *Taanith*, I. — In *Der Babilonische Talmud*, III, 665-666.

⁽²⁰⁾ Em nosso entender é nesta passagem que se há-de buscar o ponto de partida da concepção carismática do poder, típica do judaísmo.

O mesmo Moisés, o maior de todos eles, e não digamos nada de Josué ou Samuel, são deputados como instrumentos do Senhor, a tal ponto que a existência de um príncipe suporia no povo eleito grave pecado de idolatria, como acatamento num homem do senhorio próprio de Deus. Por isso, para os rabinos é Moisés e não David o perfeito governante, pois que é representante directo de Javé sem usurpação do título real, que só a Javé compete. E, em verdade, se Moisés é o governante perfeito para os hebreus, razão profunda tinha o agudo Maquiavel, quando excluía o governo daqueles que tudo devem ao esforço do seu braço, ornados de «virtù» renascentista, que o florentino canonizou como supremo valor da política (21). As realizações históricas, para a mentalidade israelita, centram-se naquele Josué, profeta e governante, que fazia cair muralhas ao som das trombetas, sem esforço algum do seu braço, simplesmente por obra do Senhor Deus dos Exércitos, autêntico Chefe do povo escolhido: Josué governante e profeta, general e juiz não era mais que mero instrumento da Sua mão poderosa.

Tais são os pontos de vista desde os quais é preciso examinar o pensamento político e a filosofia da história de Samuel Usque.

Filho de pais espanhóis e proveniente de família aragonesa, leva ascendência oscense no apelido Usque (22), o castelhanismo no sentimento, o portuguesismo no idioma aprendido desde criança e no qual compôs a sua obra memorável durante os anos de proscrição por terras de Itália antes de ir morrer, ao outro lado do Mediterrâneo, na remota Palestina. Protegido por Gracia Nazi, membro da família dos Mendes, que ao unir-se aos Franco deu origem a uma das mais conhecidas estirpes sefardis (23), a ela

(21) Ao ocupar-se no capítulo VI de *Il Principe* «De'principati nuovi che s'acquistano con l'arme proprie e virtuosamente», escreve: «Ma per venire a quelli che per propria virtù e non per fortuna sono diventati principi, dico che li più eccellenti sono Mosè, Ciro, Romulo, Teseo e simili. E benché di Mosè non si debba ragionare, sendo suto uno mero esecutore delle cose che li erano ordinate da Dio, pure debbe essere ammirato solamente per quella grazia che lo faceva degno di parlare con Dio». — *Il Principe*, Milano Hoepli, 1937, págs. 69-70.

(22) De Osca, Huesca.

(23) As duas filhas de Gracia Mendes (que alcançou a particular estima da rainha governadora dos Países Baixos, Maria de Hungria) casaram com seus sobrinhos Samuel e José, estabelecido aquele em Ferrara e este na Turquia, onde Solimão o elevou a Senhor de Naxos e governador das Cícladas.

consagra o seu livro, parte história narrativa, parte interpretação dos factos, segundo as linhas das profecias hebraicas. Duplo aspecto que dá às *Consolações* matiz peculiar, termo médio entre os escritos exegéticos e as crónicas medievais do seu povo.

É proverbial a pouca dedicação do israelita ao cultivo da história profana, consequência da sua constante contemplação dos acontecimentos com os olhos cravados na mão omnifaciente de Javé. Se alguma excepção, porém, houver é a dos sefarditas, cuja lista de historiadores se enche com os nomes de Abraão ben-David de Toledo, de José ben-Saddiq de Arévalo, de Abraão ben-Salomão de Torrutiel, de Abraão Zacut de Salamanca, de Salomão ben-Verga, de Samuel Usque, a que agora nos referimos, de Manasseh ben Israel, de Immanuel Aboab; podendo ainda incluir-se entre eles o médico de Avinhão, José ha-Cohen, pela sua ascendência e família ⁽²⁴⁾.

Neste elenco a obra de Samuel Usque aparta-se do estilo da crónica de Torrutiel ou de Saddiq, sendo muito mais que um simples resumo ordenado de factos e datas. Há nela a intenção de resumir um aspecto particular do passado, as calamidades sofridas pelo povo israelita no decorrer dos tempos, em cumprimento de predições proféticas e na qualidade de escolhido de Deus para exemplo da Sua grandeza divina. Esse aspecto levar-nos-ia a colocá-lo num grupo à parte com o perdido crónicon de Profet Durán de Perpilhão (1497), com a *Vara de Judá* de Salomão ben Verga (1554) e com a **עמק חבנא** de José ha-Cohen (1575), já que a característica deste grupo de obras é a tendência para superar a simples enunciação de factos num corpo de sugestões, que permitam compreendê-los como cumprimento dum plano divino do curso da vida. Por outros termos, construir sobre a trama histórica um intento de visão mais alta, quase científica, da mesma história: isto é, passar do dado ao conceito, da história nua a uma filosofia da história.

Verdade seja que tal filosofia da história estava implícita nos escritores antecedentes. Sem ir mais longe, o primeiro dos cronistas sefarditas, Abraão ben David de Toledo, diz ao princípio do seu **ספר הקבלה** que escreve para recordar a Tradição ao

(24) Seu pai Rabi Jehosuha era um expulso de Huete, sua mãe Dolça ou Dulce, também expulsa, casou com seu pai em Avinhão no ano 5.255 (1495 da nossa era).

povo na sabedoria bendita da Palavra e da segunda ciência tal-múdica, como testemunho do saber grande e justo que serve de princípio explicador, de aclaração e ajuda à inteligência humana, na cadeia de tradições que remotam aos profetas :

אמר החכם תפארת הישרים רבינו אברהם בן דוד
(julgo dever ler-se ספר) זכרנו לברכה זה סדר
כהבנוהו להודיע לתלמידים כי כל דברי ובותינו
ז"ל חכמי המשנה והתלמוד כולם מקבלים חכם
גדול וצדיק ישיבה מפי חכם גדול וצדיק ראש
ישיבה וסיעהו מפי ראש מהנביאים זכר כולם לבוכה⁽²⁵⁾

Mas também é certo que, se exceptuarmos a *Vara de Judá* de Verga e *O Vale das Lágrimas* de Cohen, e talvez não houvesse razão para exceptuar aquela, o resto dos Livros históricos não floresce em madurezas interpretativas, permanecendo à margem de todo o fio de sugestões intencionadas.

O que dá relevo próprio à empresa narrativa de Usque é a sua intenção de deduzir consequências. Nascida na conjuntura que lhe entristecia a alma, por ver arrojados os seus daquele solo ibérico que guardava as cinzas de seus pais e o berço dos mais doutos varões da sua raça, consegue ser algo mais que um mero resumo de factos ou um desesperado desafio de amargura. É corpo completo de saber ao serviço de intentos polémicos, paixão serena por esquadriñar a circunstância triste desde o ângulo visual da teologia hebraica, para concluir na tese de que a expulsão de Sefarad é cumprimento de profecias, obra do poder, que não da impotência de Javé, castigo merecido pelo povo de Israel e confirmação das máximas da lei mosaica. Usque olha a história sob a influência da teologia, para interpretar em visões ortodoxas da «Tora» a nova tragédia dos seus. Naquela hora, que seria de cenas apocalípticas, se na mentalidade hebreia tivesse lugar a alucinante pintura do Evangelista de Patmos, a palavra do judeu lusitano alcança a suprema valia de começar por polémica para acabar na filosofia da história.

(25) ספר הקבלה לרב אברהם בן דוד. — In AD. NEUBAUER, *Mediaeval Jewish Chronicles and chronological notes*, Edited from printed and manuscripts, Oxford, at the Clarendon Press, I (1887), 47.

Vejamos como realiza, como faz suas as directrizes espirituais, que são a tradição cultural do judaísmo.

Samuel Usque finca os pés no terreno bíblico e a sua pena nimba-se de um estilo que sobremodo nos recorda os encendidos trenos do Antigo Testamento. O que os críticos encontraram na *Consolação* de exótico⁽²⁶⁾, de vivo colorido⁽²⁷⁾, de encanto florido⁽²⁸⁾, de ritmo de lamento bíblico⁽²⁹⁾, de judaísmo estrito⁽³⁰⁾ ou de rigor desapiedado⁽³¹⁾, são matizes esses que brotam naturalmente da especial vida íntima do autor, da sua certeza na fé talmúdica, do ambiente em que se move, dos laços que o ligam ao grande corpo colectivo de Israel.

Na redacção da obra é fácil topar com trechos, onde aflora um manancial profundo das suas bíblicas reminiscências. Os três interlocutores, Jacob, Nahum e Zacarias, são figuras de sabor ancestral: a apresentação, que de si faz o primeiro, tem matizes de

(26) HERNANI CIDADE: *Lições sobre a cultura e a literatura portuguesa*, I (Coimbra, Coimbra editora, 1933), 170.

(27) «Aber wenn auch kein Geschichtschreiber, so hat doch keiner wie Samuel Usque die Hauptzüge der jüdischen Geschichte so lichtvoll und lebendig dargestellt, von den ältesten Zeiten bis auf seine Gegenwart», escreve H. GREETZ na pág. 336 do tomo IX (1877) da sua *Geschichte der Israeliten von den ältesten Zeiten bis auf die Gegenwart*, Leipzig, Oskar Leiner.

(28) Para M. KAYSERLING, é a *Consolação* «ein Werk, in linem blühenden Stile geschrieben, welches über die verschiedenen Leiden der Juden Nachricht gibt». — *Sephardim. Romanische Poesien der Juden in Spanien. Ein Beitrag zur Literatur und Geschichte der Spanisch-Portugiesischen Juden*. Leipzig, Hermann Mendelssohn, 1859, pág. 140.

(29) Vide o documentado e agudo estudo do P. MÁRIO MARTINS, *O ritmo em Samuel Usque*, in *Brotéria*, XXV (1937), 34-41.

(30) MENDES DOS REMÉDIOS: «Prefácio» à edição de נחום ישראל *Consolação às tribulações de Israel*, Coimbra, França Amado, I (1906), XLIV.

(31) Notava acertadamente AUBREY F. BELL que a obra «termina com uma nota de fé alegre e de corajosa esperança, mas sem qualquer sombra de caridade». — *A literatura portuguesa (História e crítica)*, Coimbra, Imprensa do Universidade, 1931, págs. 326.

Em relação com esta observação do Professor inglês, permitimo-nos recordar a concordância com as seguintes palavras de JOSÉ HA-COEN, que expressam o espírito dos emigrados do século XVI: «Je crie à la violence contre ma destinée funeste, qui m'a emporté vers des jours et des années auxquels je n'ai point de plaisir», lê-se na pág. 128 de עמק הבכא, *La vallée des pleurs*.

lenda genesiaca ⁽³²⁾, a idade de ouro troca-se em saudade da vida pastoril para a grei hebreia ⁽³³⁾; Jerusalém é tida pela «nossa antiga e jaa piadosa madre» ⁽³⁴⁾, a lamentação à perda das dez tribos é canto arrancado aos longes salomónicos ⁽³⁵⁾, descreve a fábrica do Templo com um prazer moroso que atraíçoa entranhadas nostalgias ⁽³⁶⁾,... Quanto há de vivo, de quente e apaixonado na *Consolaçam* é timbre da corda da raça, do amor a tudo o que é bíblico, sorvido no seio materno, tradição que punha em sua alma doce sonhar e ao vir à sua pena de poeta o levanta, por vezes, em aladas quimeras onde a prosa se filigrana, e o português toma o sabor da expressão semita, cheio de belas irizações ricas de efeitos não buscados.

O gosto filosófico predominante entre os hebreus da época reaparece em Usque: isto é, o esquecimento de Aristóteles, apesar do cáldio elogio a Maimónides ⁽³⁷⁾, e a preferência absoluta por Platão. Estamos na idade do platonismo de Leão Hebreu e no momento em que, para Salomão ben-Verga, Platão é «o primeiro dos filósofos» ⁽³⁸⁾. Esta orientação perdurará ao largo de todo o século XVII, quando Isaac Cardoso julga que «Plato in divinis superior Aristot.» ⁽³⁹⁾ e Menasseh ben-Israel segue as pegadas de Leão Hebreu em dar a primazia a Platão sobre o Estagirita, pelo que respeita ao melhor entendimento do Ser divino, achando motivo em «que a la fin aviendo sido discípulo de nuestros viejos aprendió de mejores maestros, y más que Aristóteles dél» ⁽⁴⁰⁾.

Assim, na parte filosófica, Samuel Usque corresponde tanto às condições da época como às do seu povo. Fiel à mentalidade

(32) «Sabereis yrmãos, — diz Ycabo começando o diálogo, — que eu sam aquelle antiqüissimo pastor, que com pescoço e mãos velosas, pera soceder na benção seu pai enganou» (*Consolaçam*, I, 3 v). O mesmo Ycabo ou Jacob alude em seguida à fantasia bíblica da terra que manava leite e mel (I, 4 v).

(33) *Consolaçam* I, 5 v.

(34) *Consolaçam* III, 36 v.

(35) *Consolaçam* I, 32.

(36) *Consolaçam* I, 8 v.

(37) Vide os elogios em *Consolaçam* III, 4 v.

(38) SALOMON BEN-VERGA: *Chébet Iehuda (A vara de Judá)*. Tradução espanhola de Francisco Cantera, Granada, López-Guevara, 1927, pág. 127.

(39) ISAAC CARDOSO, *Philosophia libera in septem libros distributa*, Venetiis, Bertanorum sumptibus, 1673. Primeiros fólhos sem numeração do «Prohaemium».

(40) MENASSEH BEN-ISRAEL: *Conciliator, sive de convenientia locorum S. Scripturae, quae pugnare inter se videntur. Opus ex vetustis, a recentioribus omnibus Rabbinis, magna industria, ac fide congestum*. Francofurti, Auctoris impensis, 1632.

— Cita a pág. 11.

dos expulsos, tem idêntico menosprezo por Aristóteles, igual preocupação pelos preceitos da «Tora», igual sistema de conceitos de raiz mosaica. A sua obra será também a sequela de pontos de vista comuns com os seus; por isso toma o sentido de representação do estado mental dos israelitas, saídos violentamente de Sefarad nos alvares da idade moderna. O que nele há de original é também resultado das temáticas hebreias; se faz filosofia da história, fá-la para explicar uma situação concreta do seu povo e com as armas lógicas de que se apetrecharam os rabinos de todas as idades. Judeu típico do século XVI, há nele preocupação própria da crise suscitada por esta diáspora de 1500, sem minguia da firmeza conceitual do homem cegamente ligado às velhas doutrinas de Moisés.

Tanto na filosofia política como na filosofia da história a primeira pergunta que cabe fazer a um judeu é averiguar o que entende por Israel.

Em Usque a ideia está clara: é uma comunidade diferenciada por vínculos de unidade de ascendência, a saber, um povo. O critério de discriminação dá-o o nascimento, chave da adscrição política ao grupo hebraico. O judeu lusitano emprega, desde o prólogo, repetidamente a palavra «nação» como vocábulo adequado para definir a comunidade expulsa a que pertencia ⁽⁴¹⁾. Nalgum trecho, incluso chega a contrapô-la ao reino de Portugal, falando de «esta nossa nação seguida e afugentada agora dos reinos de Portugal», com bem delineada separação do «reino» português entendido qual comunidade política assente em solo fixo e a «nação» judaica, simples povo ou agrupamento de homens que vivem em território estranho e carecem de raiz territorial própria.

Neste ponto estava concorde com a técnica de seus irmãos. Torrutiel não dá aos hispanos o valor de nações, mas de reinos, falando-nos simplesmente de «todos os reinos de Espanha», **כל מלכות ספרד** como perseguidores do povo santo ⁽⁴²⁾. E na linha dos expulsos sefardis a aplicação da palavra «nação», com sentido de povo, repete-se com pronunciada reiteração nas

(41) *Consolaçam* I, primeiras págs. sem numeração.

(42) **ספר הקבלה** in AD. NEUBAUER, *Medieval Jewish Chronicles*, I (1887), 111.

obras do poeta João Pinto Delgado, que qualifica Israel de nação de Deus, ao narrar como Mardoqueu fala com Ester:

«alto misterio Mardochay sintiendo
que manifieste su nación defiende» (43),

numa acepção cingida ao racial e ao político; em vários escritos do notabilíssimo Menasseh ben-Israel, como *O Conciliador* (44), *Humas* (45), *Esperança de Israel* (46) e a saudação a Frederico de Orange (47); nas obras de Isaac Atias, que aparta entre todas as hebreias «a nobilíssima nação de Espanha» ou seja o ramo sefardi (48); de Isaac Cardoso, o afamado filósofo, que baixa à arena polémica na defesa das dispersas gentes judaicas, sublinhando motivos de unidade racial, em contrastes de sangue exis-

(43) JOAN PINTO DELGADO: *Poema de la reina Ester. Lamentaciones del propheta Jeremias. Historia de Rut, y varias poesias*, Rouen, chez David du Petit Val, 1627, pág. 21.

(44) MENASSEH BEN-ISRAEL: *Conciliador*, primeiras págs. sem numeração «Al lector», onde escreve: «Aqui te presento la conciliación de todos los lugares de a sagrada Escripura al parecer repugnantes, obra nueva, y jamás por otro de nuestra nación cultivada».

(45) MENASSEH BEN-ISRAEL: *Humas, o Cinco libros de la Ley Divina. Juntas las Aphtarot del año. Con una perfecta glosa, en forma casi de Paraephrases, llena de tradiciones, y Explicaciones de los antiguos sabios*, Amsterdam, 5415.

Nas primeiras págs. sem numeração, na rubrica «Benévolo, y pío lector»: «Muchos días ha que tengo en pensamiento explicar difusamente, toda la sagrada Escripura, en nuestro vulgar Romance; por que aviéndose esto de tantas naciones en tan diversas lenguas procurado me parecia justo, y aun obligatorio, gozar este beneficio la nuestra, a quien fué particularmente dada».

(46) MENASSEH BEN-ISRAEL: מִקוֹת יִשְׂרָאֵל *Esto es, Esperança de Israel. Obra con suma curiosidad compuesta... Trata del admirable esparsimiento de los diez Tribus, y su infalible reducción con los demas, a la patria: con muchos puntos, y Historias curiosas, y declaración de varias Prophecias, por el Author rectamente interpretadas*, Amsterdam, Samuel ben-Israel Soeiro, 5410.

«Al lector», primeiras págs. sem numeração, diz: «Todo lo qual dirijo al servicio de mi nacion, y gloria del Dio Bendito, cuyo Reyno es sempiterno, y su palabra infalible».

(47) *Gratulação de Menasseh ben Israel em nome da sua Nação, ao celsissimo Principe de Orange Frederique Henrique na sua vinda a nossa Synagoga de T. T. em companhia da Screnissima Raynha Henrica Maria Dignissima Consorte do Augustissimo Carlos Rey da Grande Britannia, França e Hibernia*, recitada em Amsterdam aos XXII de Mayo de 5402. — Folhetito de oito págs. s/l, s/d.

(48) ISHAC ATIAS, *Thesoro de preceptos adonde se encierran Las joyas de los Seys cientos y treze Preceptos, que encomendó el Señor a su Pueblo Israel. Con su*

tentes nos reinos cristãos ⁽⁴⁹⁾; de José Franco Serrano, em quem a unidade total da raça reaparece inteiramente à medida que os anos do desterro iam apagando a consciência da superioridade sefardi sobre os seus irmãos das outras partes do mundo ⁽⁵⁰⁾; do sentir geral expressivamente recolhido por Daniel Levi de Barrios, vincando a existência de vários troncos em Israel, sem minguia da unidade de todos eles ⁽⁵¹⁾.

Laço de sangue que unia homens de características morais particulares e em primeiro lugar e sobre todas o amor a Deus Vivo, a piedade que recorda, por sobre as disparidades etimológicas, a «hesed» dos profetas bíblicos ⁽⁵²⁾. Uma piedade que é,

declaracion, razon, y Dinim, conforme a la verdadera Tradicion, recebida de Mosé: y enseñada por nuestros sabios de gloriosa memoria. Dividido en dos partes. La Primera de los Affirmativos, y la segunda de los Negativos. Estampado la primera vez en Venetia con aprovacion general de todos los Señores Hachamin, y agora nuevamente, en la officina de Semuel ben Israel Soeyro, En Amsterdam, Año 5409. Cita as primeiras págs. sem numeração do «Prohemio».

⁽⁴⁹⁾ In *Las excelencias de los hebreos*, depois de copiar o texto de *Ester*, 3: «¡Ay pueblo uno, esparzido, y separado entre los pueblos!», comenta: «Llamale uno, esparzido, y separado, que aun que es esparzido siempre es uno. En una nascion o provincia como Ytalia, Francia, o España, son muchas las nasciones en una, porque mezcladas entre sí, y tantas las que vinieron a habitarlas, que no se conoce la verdadera, y originaria, pero Ysrael al contrario es una gente entre muchas, una aunque esparzida, y en todas separada, y distinta, y su Ley demudada de todas» (página 24 a). O aspecto racial como módulo nacional distintivo do hebraico é em ISAAC CARDOSO marcadíssimo.

⁽⁵⁰⁾ Ainda que algo mais atenuado, YOSSEPH FRANCO SERRANO é expoente também dos módulos raciais do judaísmo. No «Prohemio» que antepõe a *Los cinco libros de la sacra Ley. Interpretados en lengua española, conforme a la Divina Tradicion, y Comento de los más célebres expositores. Con los seyscientos y treze Proceptos, colocados cada uno junto al lugar donde Dios los prescribe, y en la forma que enseña la D. Tradicion recebida de Mosseh y aprendida de nuestros Sabios de gloriosa Memoria*, Amsterdam, Mossel Dias, 5455, diz que compôs o seu livro «excitado del zelo de dar satisfacion al deseo de los de nuestra Nacion venidos de España, y Portugal, y del de los que no son versados en el Talmud, y sus Expositores, de entender los S. Libros».

⁽⁵¹⁾ DANIEL LEVI DE BARRIOS, *Relacion de los poetas y escritores españoles de la Nacion Iudaica Amstedolana*. Publicada por M. KAYSERLING, *Une histoire de la littérature juive de Daniel Levi de Barrios*, In *Revue des études juives*, XVIII (1889), 281-283.

⁽⁵²⁾ FRANCISCO ELÍAS DE TEJARA, *Historia de la filosofía del Derecho y del Estado*, II (Madrid 1916), 9, onde referindo-nos a Oseas concretizamos a acepção exacta do vocábulo «hesed», equivalente a «pietas» dos latinos.

antes de tudo, devoção a Javé, neste sentido aludida por Usque⁽⁵³⁾, de tal forma que repercute nos posteriores: Em Menasseh ben-Israel⁽⁵⁴⁾, em Isaac Aboab glosando o *Levítico*⁽⁵⁵⁾ e em Isaac Cardoso⁽⁵⁶⁾.

Samuel Usque não chega a determinar qual deva ser a qualificação da massa de homens e mulheres israelitas repartidos por todas as regiões do planeta, nem aparece atribuído ao conjunto de todos eles o valor de comunidade, que expressamente lhes outorgam alguns escritores posteriores⁽⁵⁷⁾. Nas páginas, porém, da *Consolação* vai implícito o sentido profundo duma unidade de estirpe plasmada em comunidade de seres espiritualmente coincidentes. Se Usque não dá a Israel o qualificativo de «República», está latente nas suas exposições a consciência de que o povo disperso constitui uma comunidade unitária, que, embora não tenha formado uma instituição política autónoma, é contudo um povo. Do mesmo modo que os pensadores políticos de todo o rabinato, entende conceitos sociológicos, não conceitos políticos.

É um povo sem poder político separado, porque o não governam os homens, rege-o Deus. Usque tem noção do significado da palavra «Estado» no sentido de comunidade política territorial e aplica-a mesmo a alguma delas, como ao ducado de Urbino⁽⁵⁸⁾, mas guarda-se cuidadosamente de a aplicar à comunidade israelita, sem território próprio, sem senhor secular, sem rei nem pátria, ou seja, sem os elementos, poder e residência necessários aos «regna» medievais ou ao «stato» que Maquiavel definira.

Samuel Usque, de acordo com toda a filosofia política do

(53) Em *Consolação* I, 1 v, diz poética e exaltadamente Ycabo: «Mas vos o minha antiga heredade, e piadosa».

(54) MENASSEH BEN ISRAEL, *Segunda parte del Conciliador*, Amsterdam, Nicolaus de Ravensteyn, 5041 (deve ser 5401, ou seja ano de 1641 da era cristã), pág. 14, referindo-se a «los Israelistas, que tienen por natural el ser piadosos y benévolos».

(55) ISHAC ABOAB, *Paráfrasis comentado sobre el Pentateuco*, estampado en caza (*sic*) de Iacob de Cordoua, s/d. pág. 329 b.

(56) ISHAC CARDOSO, *Excelencias de los hebreos*, 51-87, dando como três propriedades naturais do judeu a piedade, a castidade e a honestidade.

(57) YOSSEPH FRANCO SERRANO chama a Israel «Republica» em muitos lugares de *Los cinco libros de la Ley*; por exemplo a págs. 467, 495, 520, 605, 627, 629, etc.

Igualmente MENASSEH BEN ISRAEL se refere a «esta nuestra esparzida republica» nas primeiras páginas sem numeração de sua *De la resurreccion de los muertos* Amsterdam, en casa y a costa del Autor, 5396.

(58) *Consolação*, III, 38 v.

judaísmo, não reconhece outro rei senão Deus ⁽⁵⁹⁾, cujo senhorio universal se estende tanto à natureza como às sociedades de seres racionais ⁽⁶⁰⁾. Se os povos não eleitos podem ser governados por homens, é privilégio de Israel estar regido directamente pelo mesmo Deus. A hostilidade à monarquia secular, hostilidade que arranca de Samuel e que alcançou o seu ponto culminante nos excessos antimonárquicos de Isaac Abravanel, reverdesce em Usque nas seguintes significativas palavras: «Apos isto pidi Rey de carne e sangue engeitão ao señor Rei dos Reis desagradecendo os beês e merces que avia recebido tee ly da Rocha de minha saluaçam; a qual per boca de Samuel me mandou auisar as condições da quelle que pidia, e quanto duro e aspero de sofrer era o jugo que me poeria o Rei mortal, mas tapandome os ouuidos a obstinaçam e ofuscandoseme o entendimento com falssas fantasmas e enganosas razões do ymigo que me guerreaa dentro com tentações, jaa vencido delle respondi, que nam obstante os enconuenientes, queria Rei, pera cõ elle me assemelhar As outras gêtes» ⁽⁶¹⁾.

Respigando nas páginas da *Consolaçam* é fácil deduzir os modos como se traduzem ao povo as decisões com que Deus o governa. São dois: os profetas, ornados para isso de um poder carismático especial ⁽⁶²⁾, e a lei ou «Tora», conjunto de máximas que remontam ao maior dos profetas, Moisés ⁽⁶³⁾, sendo tão relevante a importância da Lei divina, que é graças a ela que se sus-

⁽⁵⁹⁾ *Consolaçam*, I, 21; III, 34 v. etc.

⁽⁶⁰⁾ *Consolaçam*, I, 8.

⁽⁶¹⁾ *Consolaçam*, I, 26. Note-se o final da frase, onde se dá como traço típico de Israel não ter senhores humanos.

⁽⁶²⁾ *Consolaçam*, I, 9.

⁽⁶³⁾ «O mais autentico de todolos prophetas que os sucessos de Israel ante virom foy nosso mestre Mosseh» (*Consolaçam* III, 57).

Primazia de Moisés repetida por quase todos os autores da diáspora sefardi. Para MENASSEH BEN-ISRAEL foi «un Principe, que dio ley universal al mundo» (*Piedra Gloriosa o de la estatua de Nebuchadnesar*, Amsterdam, 5415, pág. 139), em frase que repete quase ABRAHAM PEREYRA a págs. 81 de *La Certeza del camino*, Amsterdam, David de Castro Tartaz, 5426. IMMANUEL ABOAB declara-nos «aver sido la perficion de Moseh, unica particular suya y no alcanzada de ningun otro» (*Nomologia o Discursos legales*, 2.^a edicion, Amsterdam, 5587, pág. 207). E no famoso livro que DANIEL LEVI DE BARRIOS dedicou a David Franco Mendes sob o título de *Estrella de Jacob sobre flores de lis*, (Amsterdam, 1686), é proposto como modelo de governante hebraico ao referir a maneira como ajuda Javé «quando el vigilante caudillo a modo de Mosseh, y de David, es angel del señor delante de su ordenado exercito, entonces aun los más

tenta a máquina do mundo, o «esteio e firme pilar» que sustenta a membração das coisas criadas ⁽⁶⁴⁾.

Se a adscrição ao Deus único é sinal da perfeição hebreia e índice de pertencer a essa comunidade religioso-racial-popular, as características do mau governante, do tirano, serão definidas pela hostilidade aos preceitos de Deus e a quem os seguir. Por isso Usque qualifica de tiranos os Idumeus ⁽⁶⁵⁾ e Aristóbulo ⁽⁶⁶⁾, porque tiranos são os perseguidores de Israel ⁽⁶⁷⁾. Cumpre sublinhar, como demonstra a apertada trama da filosofia política judaica a respeito das suas raízes religiosas, que Usque identifica o tirano com o príncipe ou governante não eleito directa e carismáticamente pelo mesmo Deus, mas elevado ao poder por acordo ou pacto dos homens.

A reacção violenta contra o tirano, tão típica do estilo varonil dos escritores iberos da época, é planta exótica no jardim judeu, acostumado a produzir flores de pena resignada e a esperar que seja Javé, e não os homens, quem restabeleça o império da justiça e da paz. Entre todos os autores hebreus que maneja-mos, um só, Manuel Fernández de Villa Real, põe o caso em discussão ⁽⁶⁸⁾. E este mesmo não o faz como escritor hebreu, mas como capitão de tropas do rei de Castela, primeiro, e depois do de Portugal, ou seja na condição de homem da vida militar ⁽⁷⁰⁾. Salvo este caso anómalo, não aparece entre os escritores hebreus qualquer alusão aos modos de libertar-se do mau governante. E a razão é que, além das condições raciais, tão próximas da

débiles soldados tienen fuerza, y condicion de Angeles siguiendo las ordenes del General con su marcha, y las de Dios con su obediencia. Y los Angeles quando en figura humana se aparecen a los Prophetas, demuestran que el Infinito Generalissimo los haze sus soldados para que defiendan a los Justos de la Tierra contra los injustos» (pág. 77)

(64) *Consolaçam* III, 39.

(65) *Consolaçam* I, 17.

(66) *Consolaçam* II, 15 v.

(67) *Consolaçam* II, 10.

(68) *Consolaçam* II, 15 v.

(69) «La tiranía — diz o capitão VILLA REAL — se destruye en dos maneras, ó por causas extrínsecas, como son las fuerças de enemigos poderosos, ó por intrínsecas como las sediciones, o justos sentimientos de los pueblos» (pág. 245).

M. F. DE VILLA REAL, *Epítome genealógico del eminentíssimo cardenal duque de Richelieu. Y discursos políticos sobre algunas acciones de su vida*, Pamplona, Juan Antonio Berdem, 1641.

(70) Ainda que mais por gosto que na prática. A este respeito Diogo BARBOSA MACHADO, *Biblioteca Lusitana*. III (Lisboa, 1933), 260-261.

humilhação servil para com os senhores «pagãos», mudar o titular do poder político era negócio alheio, coisa de «goyim» que não tinha porque preocupar ao povo eleito por Deus. Por isso não é de estranhar a carência na *Consolaçam* de alusões ao tema do tiranicídio, com ser um livro destinado a contar factos, que, a quem escrevia, deveriam parecer violentíssimas manifestações de tirania.

Pelo que fica dito se vê que a filosofia política de Samuel Usque, que serve de sustentáculo à sua filosofia da história, aparece catalogada nas mais estreitas linhas do pensamento geral hebreu. Para ele, Israel é uma comunidade de homens unida pelo selo da mesma fé em Javé e igual descendência abraâmica, dispersa por todo o orbe e sem poder político autónomo, regida pelo mesmo Deus, em vez dos príncipes seculares que governam os demais, como sinal da eleição que Javé fez dos seus membros para povo, destinado a ser a pedra de toque e pregão vivo da sua glória eterna. A voz dos profetas, inspirados pelo mesmo Deus, e os mandamentos da Lei, dada directamente por Suas mãos divinas ao maior de todos os humanos, Moisés, são as normas porque se rege essa comunidade de gentes espalhadas, sem reis nem senhores próprios, servas só de Deus.

Que papel ocupa essa comunidade israelita entre as demais comunidades «pagãs»? Como é Israel o pregão vivo de Deus? Responde a uma filosofia específica da história o desenvolvimento da sua história e as circunstâncias que delimitam o seu lugar entre todos os povos do universo? Há uma filosofia da história, que explique os acontecimentos segundo a mentalidade judaica? É Samuel Usque um construtor teórico de semelhante modo de ver as mudanças no tempo? Estas perguntas entrelaçam a filosofia política com a filosofia da história do nosso português expulso.

Antes de mais nada, a história elabora-a Deus. A passagem em que Usque relata a maneira como Gedeão vence os madianitas é sumamente significativa, para mostrar que Deus é em tudo e por tudo a causa única do acontecimento histórico (71).

(71) *Consolaçam* I, 24 v.

É Javé quem reparte vitórias e derrotas ⁽⁷²⁾, um Deus colocado como eixo da história que, se salva os escolhidos que formam o seu povo israelita, não é por razões de justiça nem como sequência lógica de uma ordem exacta de procedimentos, mas pura e simplesmente para manifestar de uma maneira, que chega a parecer egoísta, a sua própria magnificência e a ilimitada grandeza do seu poderio ⁽⁷³⁾.

Tanto é assim, que o homem, não só não participa nem coopera no desenvolvimento dos sucessos históricos, mas nem sequer os compreende «A razam fraca dos mortaes — lê-se no Primeiro Diálogo — aos quaes parece que o que aprouam com seu entendimento he o justo ou injusto. As vias do señor & seus pensamentos sam assi sublimes & alôgados da quelles dos humanos quanto he distante os altissimos ceeos da infima terra» ⁽⁷⁴⁾. A sua única posição diante dos factos é reconhecer a própria pequenez e resignar-se a pôr tudo, esperanças e ilusões, curiosidades e anelos, afãs e observações, na «encompreensiuel» mão de uma divindade imperscrutável na sua essência e nas suas obras ⁽⁷⁵⁾.

O eixo não divino dessa história divina é o povo judaico eleito por Deus com tal fim ⁽⁷⁶⁾, como herdade a possuir com direito hereditário ⁽⁷⁷⁾, para repetir a feliz expressão do sefardi luso. Mesmo sem chegar à afirmação enunciada por algum posterior, de que Deus criou o mundo por causa de Israel ⁽⁷⁸⁾, encontramos-la dentro da lógica de Usque, já que Javé criou o mundo para manifestação da sua glória e os hebreus são o modo por que tal glória se manifestou ⁽⁷⁹⁾.

⁽⁷²⁾ *Consolaçam* II, 14, 36, 37, etc.

⁽⁷³⁾ *Consolaçam* III, 69-69 v.: «Por tanto dize A casa de ysrael, nam pelo amor de vos outros eu faço O casa de ysrael diz o Señor, mas pello amor de meu santo nome que açugentastes entre as gentes onde fostes ter: por isso eu santificarey o meu grande nome que he profanado entre as gentes o qual vos outros aueis com ellas açugentado: Pera que as gentes conheçam que eu so o Señor D. quando for santificado em vos outros ante vossos olhos, tomaruos ey das gentes e ajuntaruos ey de todas as regiões e materuos ey na vossa terra, e derramarey sobre vos agoas limpas...»

⁽⁷⁴⁾ *Consolaçam* I, 39.

⁽⁷⁵⁾ *Consolaçam* III, 46 v.

⁽⁷⁶⁾ *Consolaçam* I, 7 v., 23 v., 38; II, 2.

⁽⁷⁷⁾ *Consolaçam* III, 19, 60 v.

⁽⁷⁸⁾ MENASSEH BEN ISRAEL, *Piedra gloriosa*, 140.

⁽⁷⁹⁾ A glória histórica, porque não basta a que se manifesta nas criaturas irracionais. Vide ISAAC CARDOZO, *Philosophia libera*, «Prohaemium» in fine.

As relações entre Javé e o povo hebreu foram fixadas num pacto ⁽⁸⁰⁾, no qual o povo de Moisés aceitou para si e para seus descendentes, com plena liberdade, o cúmulo de encargos que a condição de povo de Deus trazia anexos. A infracção a tal pacto acarreta castigos à comunidade infiel, que se vê oprimida e vexada em castigo dos pecados cometidos, quebrando a tábua de obrigações que especialmente lhe dizem respeito. A ingratidão para com Javé, expressamente reconhecida nalgum passo da *Consolaçam* ⁽⁸¹⁾, encontra pena condigna nos variadíssimos castigos, tão numerosos que, sendo a obra usquiana uma compilação dos males vindos sobre Israel, vem a dar numa lista de punições fruto da maldade do povo hebreu. Desde o cativo de Babilónia até aos seus dias, raras vezes deixa Usque de anotar uma perseguição, sem sublinhar que é merecida como castigo da maldade dos irmãos de raça e credo ⁽⁸²⁾. A filosofia da história de Usque vem a dar numa quase masoquista innumeração de vexames e afrontas que, a golpes de dor sobre a própria carne, cantam a grandeza do poder do seu Deus único. Se fazer sofrer é prenda de amor, como nalgum lugar Usque declara ⁽⁸³⁾, a leitura dos três diálogos não deixa lugar a dúvidas de que o povo judeu é um povo especialmente querido do Senhor.

Lugar especial ocupam as perseguições e a expulsão de terras ibéricas, coisa bastante lógica, tendo em conta a ocasião em que o livro se escrevia. Com paixão bem compreensível, Samuel Usque vê nesta nova diáspora o cumprimento de antiquíssimas profecias de Jeremias e Isaías, do Deuteronómio e do Salmo XLIV ⁽⁸⁴⁾. A trágica fuga de Espanha, aquele semear de ossos por terras de Europa e África, o abandono dos sepulcros dos antepassados, o adeus à segunda terra da promessa, são castigos previstos pontualmente, havia muitos séculos, pelos homens inspirados, que diziam palavras forjadas por Javé. Essa nova prova dolorosa e tremenda, será uma amostra mais da grandeza do Senhor sinaítico, que nesses relâmpagos de tempestade persecutória brilhará com tanto esplendor como brilhou algum

⁽⁸⁰⁾ *Consolaçam* I, 34, 44 v.

⁽⁸¹⁾ *Consolaçam* III, 54 v.

⁽⁸²⁾ *Consolaçam* I, 45 v.; II, 9, 16, 19 v., 24, 34 v., 39 v.; III, 3 v., 10, 16 v. 17 v., 24, etc.

⁽⁸³⁾ *Consolaçam* II, 8.

⁽⁸⁴⁾ *Consolaçam* III, 26 v., 30 v., 31 v., 33 e 37.

dia ante os olhos do profeta mosaico. E vista assim, no plano da glória divina, longe de ser um mal, há de aceitar-se com coração alegre, apagando a amargura do pesar humano a certeza dum futuro de felicidades. A aplicação ao caso, vivido pelas gerações israelíticas dos séculos XVI e XVII, das premissas radicais do pensamento judaico, produz assim uma filosofia da história brutalmente dolorosa e desoladoramente dura, à força de resignações e conformidades insólitas.

Mas nem tudo há de ser negrumes, ainda que no presente o horizonte não deixe ver outra coisa senão nebulosos preságios de tormenta. À dor vivida contrapõe Usque, segundo a tradição dos seus, um gozo futuro, que troca em esperançado grito de ilusão ventura os actuais desesperos. Por cima da realidade atroz, que é a expulsão, a sua obra eleva-se como jubiloso aleluia, com uma cega confiança no triunfo final do povo eleito sobre todos os povos pagãos que o rodeiam. Como raios de luz na tempestade, punhaladas de céu azul por entre a capa de cirros borrascosos, contam-se as afirmações cheias de fé, expressada umas vezes repetindo palavras de Jeremias ou de Isaías ⁽⁸⁵⁾, inumerando outras os bens caídos sobre Jerusalém ⁽⁸⁶⁾ e a Terra Santa ⁽⁸⁷⁾, em ocasiões como gozo na confiança no próximo triunfo, confiança que rebenta em novo canto de louvores ao Senhor ⁽⁸⁸⁾. É precisamente o cúmulo de sofrimentos daquele momento, o que faz presagiar a proximidade da bonança. Aquelas frases de Numeo, no Terceiro Diálogo, tão expressivas por duras e até bárbaras, violentas, vingativas e cruéis, expressam melhor que nenhuma outras o sentido completo da obra de Usque: «os gritos que nestas queimas e tribulações de portugal vas dando, de oitauo ao noueno das sete estrellas voarom, e neste lugar deixamos todo este grande exercito arribado. E vendo o Altissimo Señor que com estes castigos que recebeste vas jaa alcançando a vltima disposiçam pera ser remido, te manda agora a sua justiça diuina noteficar por principio de tua remisam, a vingança que por amor de ty primeiro estaa deliberado de fazer em teus ymigos, em recõ-pensa do que delles has padecido » ⁽⁸⁹⁾.

(85) *Consolaçam* I, 40 v.: III, 62.

(86) *Consolaçam* III, 62, 63.

(87) *Consolaçam* III, 63, 67.

(88) *Consolaçam* III, 64.

(89) *Consolaçam* III, 59 v. — Também em III, 71 v.

Deus vingador, factos violentos. Filosofia sem entranhas para gentes acoissadas, que pagam ou esperam pagar olho por olho, dente por dente. Um cristão, mesmo dum povo perseguidor e duro, jamais teria esperado conscientemente uma tal remissão, pelo menos revestindo-a duma celestial capa religiosa.

A *Consolação* é algo mais que um panfleto histórico contra os povos cristãos, como nota o P. Mário Martins ⁽⁹⁰⁾; é uma estupenda inflamação de ira dantesca, rica em orlas ígneas de contido ódio. A par da teologia hebreia, há ali uma filosofia da história, cunhada com a leitura dos livros sagrados da Lei, entre anelos de fúria que reclamam vinganças.

Em função dessa certa retribuição, que levantará Israel sobre os seus actuais perseguidores, Samuel Usque raciocina os motivos que abrem caminho para a ansiada ilusão. Tais são as consolações ou argumentos que fazem supor chegará um dia a hora do alívio, verdadeiro objecto que o levou a tomar a pena ⁽⁹¹⁾.

Não é agora o momento de enumerá-las por miúdo, seguindo o fio das oito que comovem os três simbólicos dialogadores: que todo o pecado será castigado, portanto também o que os perseguidores cometem, enfurecendo-se contra o povo do Senhor; que a perseguição aperfeiçoa os israelitas, como o diamante se aperfeiçoa com a lapidação; que mediante ela ganham parte no mundo futuro previsto pelos profetas; que Deus aperta mas não afoga os seus fiéis, pelo que de quando em quando aparecem clarões na adversidade, às vezes pelos mais insuspeitos caminhos; que a mão de Deus faz clara sementeira de males nos inimigos encarniçados, como se vê em Espanha e Portugal; que as palavras do Altíssimo hão-de lograr perfeito cumprimento, e nelas consta a perenidade viva do judaísmo ⁽⁹²⁾.

A mais consoladora, tendo em conta a mentalidade peculiar hebreia, é como Javé defende os seus, fazendo alvo das suas iradas determinações aqueles que os atacam. Ao lado de expo-

⁽⁹⁰⁾ MÁRIO MARTINS, S. I., *A filosofia esotérica no «Speculum Hebraeorum» e em Samuel Usque*, In *Revista Portuguesa de Filosofia* II (1946), 347.

⁽⁹¹⁾ Diz Numeo no Terceiro diálogo: «Choradas que auemos jaa estas chagas, tódoas bem sangrentas como o çurugiãom as quer pera lhe aplicar sua meizinha, tempo he que busquemos o remedio e consolo pera todas ellas, pois somos aqui vindos a esse fim o qual, per muitas vias esperamos na diuina misericordia offerecerete». — *Consolação* III, 47 v.

⁽⁹²⁾ *Consolação* III, 47 v., 54.

sição histórica, foi intercalando, dentro da narração, observações onde transparece, junto à concepção exclusivamente javeísta do processo humano, a adscrição de Deus a um grupo de escolhidos, à estirpe dos descendentes de Jacob. Porque Antíoco blasfemou «dizendo muitas blasfemas contra o señor, prometendo e ameaçando de destruir a yerusalaim... o señor com hua gravissima enfermidade o chagou, e nã se amäsando ynda sua soberba cõ esta pena... acrescentando-lhe o señor chaga sobre chaga Lançou subito tamanho fodor sobrelle que querendoho leuantar de terra donde estaua tendido, o tornarom os seus dos braços a deixar cahir, pelo yncomportauel e peçonhento cheiro que do seu corpo sahia, e fugindo todos delle, aly o viste em terra alhea (cahindo-lhe pedaço a pedaço, de suas carnes e ossos), miserauamente acabar, por castigo dos grandes males que contaste auerem delle teus filhos recebido» (93).

Esquema do Deus próprio, quase gentílico, que Javé era aos olhos de Usque, e que vemos repetido a cada passo, com referências a todos os que perseguiram os judeus, desde o romano Pompeu (94) ao visigodo Sisebuto, ao francês Filipe, ao português João II, aos Reis Católicos de Castela (95), assim como aos castigos colectivos à Inglaterra à França e à Espanha.

Esta concepção vingativa da história regozija-se na contemplação dos males dos perseguidores. Se não houvesse outros motivos, bastaria o seguinte trecho da *Consolaçam*, para tornar o seu autor credor do título de filósofo hebreu da história: «Pois de Espanha podemos dizer que ytalia he sua sepultura. De França, que Espanha he o meo da sua consumição. De Alemanha que todas estas provincias ao redor e o Turco com ellas sam seus verdugos, fazendoha o muro onde sua artilheria bate. E de yngraterra, peste continua e a guerreira Escorcia he seu açoute» (96). A morte violenta de Filipe, o Belo, as desgraças de Pompeu ou a queda mortal do príncipe D. Afonso, são

(93) *Consolaçam* II, 37 v.

(94) *Consolaçam* II, 40 v.

(95) *Consolaçam* III, 51.

O ódio a Isabel, a Católica, é lugar comum entre os historiadores judeus da época, que chegam a qualificá-la com ásperos adjectivos. «Maldita Isabel malvada» diz, por exemplo Torrutiel: *הארוה חיא אינבל הרשעו* (ספר הקבלה) (pág. 111).

(96) *Consolaçam* III, 51 v.

sinais da mão divina protectora de Israel. Com bem pouco se contentava o esforçado consolador hebreu, porque grande arquitectura de habilidades era precisa para estabelecer cânones de segurança conceitual com materiais tão deficientes!

A filosofia da história de Samuel Usque é tipicamente hebreia. O seu grande mérito, deve-se ao intento de conjugar observações dignas de recordação com a demonstração de que os males caídos sobre o povo durante milénios são cumprimentos de antigas profecias. Empresa conceitual essa que é medula dos seus três diálogos, trabalho novo em que o português se adianta e não é superado por análoga tentativa ulterior do avinhonense José ha-Cohen. O seu trabalho tem o mérito do intento de buscar explicações aos dados concretos, sem deter-se na mera enumeração deles, segundo Torrutiel ou Verga. E a ingenuidade, o parcialismo ou a débil fibra de alguns argumentos não é obstáculo aos esplêndidos resultados obtidos.

Até chegar a Menasseh ben-Israel, com a interpretação profundíssima e doutamente rabinica que da história universal faz na sua *Pedra Gloriosa* (1655), com referências à profecia de Daniel sobre a estátua dos pés de barro, não conhecemos nenhum outro pensador judeu que possa comparar-se-lhe. Se tivesse visto as fontes com olhar diferente do catalogador de crónicas, buscando a profundidade interpretativa em vez da simples narração, Gaspar Remiro tê-lo-ia, sem dúvida, incluído entre os historiadores sefardis, e ao incluí-lo teria mudado de parecer, bem pouco apreciativo, que de todos fez no seu discurso de ingresso na Real Academia Espanhola da História (97).

O horizonte espiritual de Samuel Usque define a sua obra e a sua figura quase toda referida à sua obra, porque à parte o texto da *Consolaçam*, o demais é nele apagado, indeciso e nebuloso. Foi como se, ao fundir-se tão estreitamente com os sentimentos dos seus, quisesse diluir a sua memória na penumbra, não deixando à posteridade outro ponto de referência, mais que

(97) M. GASPAR REMIRO, *Los cronistas hispano judíos*. Discurso lido na Real Academia da Historia no acto de sua recepção pública no dia 23 de maio de 1920, Granada, «El Defensor», 1920. Ainda que na pág. 61 os elogia, porque «tuvieron la gloria de ser los iniciadores de la restauración del cultivo de la historia entre los judíos», acrescenta que «de todas suertes... la historiografía de nuestros judíos resulta pobre cuando se la compara con sus conterráneas del mismo tiempo» (pág. 62).

as páginas onde interpreta, com melancólica resignação de costumes seculares não isenta de laivos de ódio vingativo, de inquisições cogitativas, de trenos davídicos, a larga tragédia dos seus na constante mudança dos homens, das terras e das coisas.

Acima de tudo Usque é um hebreu, que pensa e raciocina com os materiais costumados nas pessoas da sua estirpe. A fonte principal das suas lucubrações são os textos sagrados do Antigo Testamento, de que faz degraus para a escada conceitual que das misérias presentes levante o povo à esperançada visão de um futuro de ditas e vitórias. É um hebreu que vive no Renascimento, mas que não vive no mundo ideológico do Renascimento.

A sua filosofia da História não excede, nem um instante, a perspectiva espiritual do judaísmo. As suas opiniões filosóficas caem diante da trama teológica do rabinato. Quando alude a Platão é para situar-se no âmbito filosófico reinante nos pensadores das Sinagogas. A «Tora» é a cerca dos seus atrevimentos possíveis, mas nunca planteados. Quando de passagem toma alguma palavra nova, como ao aplicar a Urbino a condição de «Estado», é, por acaso, sem transcendência, cedendo à circunstância que em nada atinge o seu raizame de estrito pensador judeu.

É judeu sefardi. Os anos transcorridos foram recortando o valor deste adjectivo, quando aplicado a algum indivíduo dentro do corpo total de Israel; mas quem tiver conhecido os esquecidos livros da época em que a raça expulsa estampa as suas amarguras, não poderá desconhecer a situação superior dos judeus hispanos sobre todos os seus congéneres. Era um grupo selecto e distinto que em Amsterdão encheu de braços nobiliários com quartéis portugueses e castelhanos as casas enegrecidas da judiaria, integrado por pessoas conscientes da sua superioridade, reunidas na saudade da terra ocidental, que viu a hora áurea do povo de Javé, berço dos seus maiores pensadores, ninho dos seus poetas mais famosos. Samuel Usque, oriundo de Huesca, de pais castelhanos e meninice portuguesa, levava o hispano tão dentro da alma, que até os motivos peninsulares mais típicos se fazem carne e luz nas suas palavras; aquele «brauo touro dos desertos despanha» (93), que em certa ocasião pinta com fundas

(93) *Consolaçam* I, 20.

ressonâncias facilmente perceptíveis, é o signo totêmico, que nas suas mãos apaixonadas de sefardi escriturário, se antepõe a todas as comparações bíblicas, com o vermelho ardente de um pincel molhado nas profundezas de um coração amargurado e hispânico.

E assim o seu nome evoca ao leitor, que consagra as suas horas aos homens da diáspora sefardi, um sentido de incorporação espiritual da raça separada da essência dos reinos hispânicos diferenciados por Torrutiel, sem minguia da unidade suprema que os ajuntava na coincidência das tarefas históricas comuns.

Depois de ler e reler os três diálogos da *Consolaçam*, e de observar a orientação hebraica que os informa, por sobre as dores da expulsão e as amargas ânsias do exílio, compreendem-se à maravilha os versos daquele poeta sefardi do século XVII:

«Ningún hebreo que nació en Hiberia,
contra su patria hiciera tal arrojio,
aunque de sí lo arroja a la miseria» (99).

Versos estes que bem poderiam ser, senão o epitáfio para a ignota tumba de Usque, pelo menos o cólofon do seu livro.

FRANCISCO ELÍAS DE TEJADA

Catedrático na Univ. de Salamanca

BIBLIOTECA

FCO. ELIAS DE TEJADA Y ERASMO F

(99) DANIEL LEVI DE BARRIOS, *A Samuel Venueniste que con una naue de fuego holandesa quemó a la naue Teresa de la Armada Española*. — Em *Estrella de Jacob sobre flores de lis*, 129.